

EDITORIAL

CAMINHOS DE(S)COLONIAIS PARA A PSICOLOGIA: OUTRAS PERSPECTIVAS E COSMOVISÕES

Natal/RN, 02 de julho de 2023.

Pensar a Psicologia no contexto brasileiro, bem como, a escuta psicológica de pessoas negras, indígenas e a população LGBTQIAP+ requer a necessidade de se repensar a Psicologia a partir de uma perspectiva descolonial e em sintonia com as epistemologias e ontologias enraizadas nas vivências ancestrais da América Latina. Apontando assim, para a compreensão dos fundamentos modernos e coloniais que moldaram a Psicologia como uma ciência racionalista, universal e abstrata, e como isso contribuiu para a colonização da subjetividade. Colonização essa, que pode levar à internalização de narrativas de inferioridade, desvalorização e inadequação por parte dos povos indígenas e afrodescendentes, bem como de outras culturas e corpos não eurocêntricos. Além disso, pode resultar na negação ou minimização das cosmovisões e saberes tradicionais, o que perpetua a marginalização dessas culturas, corpos e saberes.

Portanto, é essencial que a Psicologia reconheça sua responsabilidade na reprodução dessas dinâmicas e busque uma abordagem mais crítica e sensível às diferentes perspectivas e cosmovisões. Isso envolve questionar as normas eurocêntricas, proteger e acompanhar as cosmovisões dos povos tradicionais e da diáspora africana e trabalhar para desconstruir a colonização da subjetividade, permitindo que diferentes formas de conhecimento e experiência sejam reconhecidas e valorizadas.

Nesse sentido, vale pontuar que a modernidade e seus princípios foram moldados pela lógica de colonização, afetando profundamente a vida e as culturas dos povos indígenas da América Latina e da Diáspora Africana. A modernidade, frequentemente vista como um símbolo de progresso e avanço, tem raízes profundas na expansão colonial e no poder que as nações colonizadoras exercem sobre os territórios conquistados. Desse modo, a colonização impôs uma violência estrutural sobre esses povos, estabelecendo a obediência social prescritiva em critérios étnico-raciais e de gênero, fazendo com que não apenas tais corpos e subjetividades fossem apreendidos enquanto marginais, mas também serviram como base para uma organização global do poder e controle do trabalho sob o sistema capitalista moderno.

Nesse interim, a Psicologia deve enfrentar o desafio de revisitar seus próprios princípios e realizar uma virada descolonial para se conectar com as resistências e reexistências das comunidades tradicionais (indígenas e afrodiáspóricas) ao longo de mais de 522 anos de lutas. O encontro com os conhecimentos, histórias e perspectivas a partir da descolonização do ser, do saber e do pensar pode exigir uma redefinição dos marcos epistêmicos e políticos da Psicologia tanto enquanto ciência, quanto, na sua prática em si.

E isso implica uma mudança de paradigma, afastando-se de uma abordagem eurocêntrica e colonizadora da Psicologia para uma que valoriza as perspectivas culturais e históricas dos povos da América Latina. Isso poderia levar a uma Psicologia mais inclusiva, sensível às diversidades culturais e capaz de abordar questões complexas da subjetividade em contextos coloniais e pós-coloniais.

A abertura para uma visão descolonial e multidisciplinar permite que a Psicologia expanda suas fronteiras, considerando perspectivas culturais e históricas mais amplas e diferenciadas. Podendo, assim, contribuir para uma compreensão mais profunda das complexidades da experiência humana, incluindo subjetividade, identidade, gênero, raça, etnicidade, sexualidade e outras questões cruciais.

Ao promover a divulgação de pesquisas, estudos e reflexões que abordam essas questões a partir de uma perspectiva descolonial, a "Revista Amplamente" e desempenha um papel essencial na construção de um campo epistêmico inclusivo, crítico, comprometido com a justiça social e na busca contígua de fissurar a hegemonia eurocentrada. Isso envolve repensar os paradigmas tradicionais, reconhecer a importância das diferentes vozes e experiências, e buscar uma transformação profunda na forma como a Psicologia é praticada e compreendida.

Camila de Freitas Moraes

Psicóloga, Psicanalista e Mestra em Política Social e Direitos Humanos

<http://lattes.cnpq.br/0376021529783014>

<https://orcid.org/0000-0001-6745-4195>

E-mail: camilapsi.moraes@yahoo.com.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3-01>